



GT 10. Antropologia das praticas esportivas e de lazer

Coordenador(es):

Leonardo Turchi Pacheco (UNIFAL-MG - Universidade Federal de Alfenas)

Mariane da Silva Pisani (UFT - Fundação Universidade Federal do Tocantins)

Sessão 1 - Lazer e Sociabilidades

Debatedor/a: Luiz Fernando Rojo Mattos (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 2 - Relações de Gênero e Etnografias

Debatedor/a: Mariane da Silva Pisani (UFT - Fundação Universidade Federal do Tocantins)

Sessão 3 - Corpo, performance e noções de pertencimento

Debatedor/a: Leonardo Turchi Pacheco (UNIFAL-MG - Universidade Federal de Alfenas)

Este grupo de trabalho tem como proposta dar continuidade, ampliar e acrescentar novas reflexões realizadas nas reuniões anteriores da Reunión Antropológica del Mercosur (2001-2019) e Reunião Brasileira de Antropologia (2000-2018) nos grupos de antropologia dos esportes e do lazer. Ao se constituir como um espaço de diálogos, trocas e interlocuções, esse GT tem como objetivo reunir antropólogos (e demais cientistas sociais) que através de abordagens teórico-metodológicas diversas dedicam-se a compreender os esportes e os lazeres; suas práticas e saberes (de resistência ou cumplicidade) em um contexto que engloba o Brasil e parte da América do sul, marcado pelo crescimento do autoritarismo, conservadorismo na moral e costumes, e retrocessos em direitos, políticas públicas e sociais. Nessa perspectiva tem a intenção de acolher estudos que aprofundem e refinem os debates relativos aos esportes e lazeres em conjunção a temas como os das identidades raciais e étnicas, preconceitos sociais, sociabilidades, corporeidades, os estudos de gênero, sexualidade e erotismo, as estruturas de poder, as mídias tradicionais e as novas mídias, a ocupação de espaços urbanos e rurais, as lógicas das territorialidades e seus conflitos.

Observação participante em um campeonato de futebol 7 misto em Curitiba ? relações de gênero em um cenário incomum

Autoria: Maria Thereza Oliveira Souza (Centro Universitário Campos de Andrade), Fabiana Della Giustina dos Reis André Mendes Capraro

Tratar sobre as experiências de mulheres futebolistas no Brasil é sempre um dilema sobre ?olhar o copo meio cheio ou meio vazio?, pois o processo de inserção feminina nessa área ora parece levar a um crescimento e ora a uma estagnação ou retrocesso. No universo de práticas informais os homens ainda representam maioria, já que dados do IBGE (2015) demonstraram que eles constituem 94,5% dos praticantes. Apesar disso, se por muito tempo os discursos sociais moralizantes mantiveram as mulheres afastadas, é cada vez mais comum encontrar grupos de amigas ou de colegas praticando algum tipo de modalidade relacionada ao futebol, seja de forma competitiva ou com fins de lazer. Nesse contexto, o futebol 7 parece ser um espaço de recente e intensa inserção das mulheres, o que se interpreta ser um dos motivos que permitiram a realização de um campeonato misto (com times formados por homens e mulheres) em Curitiba. Entendeu-se, então, esse evento como um campo de peculiares relações de gênero no esporte e, por isso, a presente pesquisa visou investigá-las por meio da observação participante, durante as atividades competitivas em 2019. Na tarefa de estudar um grupo pertencente à mesma sociedade dos autores, intentou-se ?estranhar o familiar? (COSTA, 2009), por meio de uma investigação ?de perto e de dentro? como orienta Magnani (2002). O estudo



desse cenário incomum dentro do campo esportivo apresentou indícios de uma diminuição do caráter hierarquizante nas relações de gênero. Foi possível perceber que os fatores que determinam aqueles que são mais respeitados são a capacidade técnica, o perfil pessoal (de líder) e a experiência, mais do que seu sexo ou gênero. Além disso, as ?zoações? e importunações, ritos comuns ao ambiente esportivo, principalmente quando se trata de modalidades coletivas, também aconteceram em igual teor para homens ou mulheres. Não se buscou aqui negar quaisquer barreiras e dificuldades enfrentadas pelas mulheres em ambientes tidos como de dominância masculina, mas procurou-se demonstrar que nem sempre há a necessidade de denúncia das desigualdades, atentando justamente para as relações existentes em cada contexto e tempo específicos. A pesquisa aconteceu com a inserção como atleta, da autora principal, em uma das equipes, e, faz parte de um projeto maior de doutorado, o qual tem como objetivo investigar as relações de gênero, pelo método etnográfico, em diferentes ambientes de práticas físicas. É necessário afirmar que se entende as limitações da presente pesquisa pela difícil missão de se pesquisar um ambiente no qual se está inserido, mas que, esse fator fez com que se assumissem as interferências que essa imersão trouxe e se tratasse o estudo tanto como uma descrição etnográfica quanto como um relato de experiência.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: